

> CLINICANDO

José Bleger

Psicanálise do enquadramento psicanalítico*

Propõe-se designar *situação analítica* à totalidade dos fenômenos incluídos na relação terapêutica entre o analista e o paciente; esta situação abarca fenômenos que constituem um *processo*, aquilo que estudamos, analisamos, e interpretamos; mas inclui também um *enquadramento*, isto é, um "não processo" no sentido de serem as constantes dentro de cujo marco o processo se dá. São estudadas as relações entre ambos e define-se o enquadramento como o conjunto de constantes dentro do qual se dá o processo (variáveis). O propósito básico é estudar não a ruptura do enquadramento, mas seu significado psicanalítico quando é mantido em condições "idealmente normais".

Estuda-se, assim, o enquadramento como uma *instituição* dentro de cujo marco ocorrem fenômenos que chamamos comportamentos. Neste sentido, o enquadramento é "mudo", mas nem por isso inexistente, formando o não-ego do paciente, à base do qual configura-se o ego. Este não-ego é o "mundo fantasma" do paciente, que se deposita justamente no enquadramento e representa uma "meta-conduta".

Ilustra-se o papel do enquadramento com vários exemplos clínicos nos quais se vê a deposição no enquadramento da instituição familiar mais primitiva do paciente, que é a mais perfeita compulsão à repetição, atualizando a primitiva indiferenciação dos primeiros estágios da organização da personalidade.

O enquadramento, como instituição, é o depositário da parte psicótica da personalidade; isto é, da parte indiferenciada e não resolvida dos vínculos simbióticos primitivos.

Estuda-se o significado psicanalítico do enquadramento assim definido e as repercussões dessas considerações sobre a clínica e a técnica psicanalíticas.

> Palavras-chave: Psicanálise, situação analítica, enquadramento

I propose to give the name of analytic situation to all those phenomena included in the therapeutic relationship between the analyst and the patient. This situation encompasses phenomena which constitute a process, which we study, analyze, and interpret, but it also includes the setting, which is a "non-process" in the sense of constituting the constants within the limits of which the process takes place. The relationships between situation and setting are studied, the setting being defined as

* > Publicado originalmente em José Bleger, *Simbiose e ambigüidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977, p. 311-28.

the set of constants within which the process takes place (variables). My basic purpose is to study not the rupture of the setting, but its psychoanalytic meaning when kept within "ideally normal" conditions.

Therefore, the setting is studied as an *institution* within whose limits phenomena known as behavior occur. In this sense, into the setting is "mute," although not inexistent. It forms the patient's non-ego, on the basis of which the ego takes shape. This non-ego is the patient's "phantasy world," which is deposited into the setting and represents "meta-conduct." The role of the setting is illustrated in various clinical examples, where the depositing of the patient's earliest family institution in the setting can be seen. This family institution is the most perfect compulsion to repetition, bringing to light the primal indifferenciation of the earliest stages of the organization of the personality. The setting, like an institution, is the depository of the psychotic part of the personality, that is, of the undifferenciated and unresolved part of the earliest symbiotic bonds.

Also studied is the psychoanalytic meaning of the setting, thus defined, as well as the repercussions of these considerations on psychoanalytic clinic and technique.

> **Key words:** Psychoanalysis, analytic situation, setting

Winnicott define o *setting* como "a soma de todos os detalhes da técnica". Propõe — por razões que se explicitarão no desenvolvimento do tema — a adoção do termo *situação psicanalítica* para a totalidade dos fenômenos envolvidos *na relação terapêutica* entre analista e paciente. Tal situação abarca fenômenos que constituem um *processo*, ou seja, o que é objeto de nossos estudos, análises, e interpretações; mas inclui também em *enquadramento*, isto é, um "não-processo", constituído pelas constantes, pelo marco em cujo interior se desenvolve o processo.¹

A situação analítica pode, pois, ser estudada — do ponto de vista de sua significa-

ção metodológica — vendo-se o enquadramento como algo que diz respeito às constantes de um fenômeno, de um método ou técnica; o processo estaria ligado ao conjunto das variáveis. No entanto, esta abordagem metodológica será abandonada aqui, e sua menção visa tão-somente esclarecer que um processo só pode ser investigado quando mantidas as mesmas constantes (enquadramento). Isto posto, incluímos no enquadramento psicanalítico o papel do analista, o conjunto de fatores espaciais (ambiente) e temporais, e parte da técnica² (na qual se inclui o estabelecimento e a manutenção de horário, honorários, interrupções planejadas etc.)

1> Aqui se poderia comparar esta terminologia com a utilizada respectivamente por D. Liberman e E. Rodrigué.

2> O enquadramento corresponde mais a uma estratégia que à técnica. Parte dele inclui o "contrato analítico", que é "uma convenção entre duas pessoas, na qual existem dois elementos formais de intercâmbio recíproco: tempo e dinheiro" (Liberman e colaboradores).

No momento, interessa-me a psicanálise do enquadramento psicanalítico. Existe uma literatura considerável sobre a necessidade de sua manutenção, sobre as rupturas e distorções que o paciente pode provocar sobre o mesmo no transcurso de qualquer tratamento analítico (e isto em graus e com características variáveis: desde a observância exagerada e obsessiva, até a repressão, o *acting out* ou a desagregação psicótica). Meu trabalho com a psicanálise de psicóticos fez com que se tornasse evidente a importância da manutenção e da defesa dos fragmentos ou elementos do enquadramento que tenham podido restar — o que, muitas vezes, só se obtém com a interpretação.

Mas tampouco quero focalizar agora o problema da "ruptura" ou dos "ataques" ao enquadramento. Quero estudar o que diz respeito à manutenção idealmente normal de um enquadramento.³

Feito este preâmbulo, poderíamos ver este estudo como impossível visto que essa análise ideal não existe. E concordo com essa opinião. O certo — às vezes de forma permanente, outras temporariamente — é que o enquadramento se converte de fundo de uma *Gestalt* em figura, isto é, em processo. Mesmo nesses casos, no entanto, o enquadramento não se torna idêntico ao processo propriamente dito da situação analítica. Isto porque, frente às "faltas" para o enquadramento nossa interpretação visa sempre mantê-lo ou restabelecê-lo, o que envolve uma im-

portante diferença, se confrontamos isto com nossa atitude na análise do processo em si mesmo. Neste sentido, interessa-me examinar o significado psicanalítico do enquadramento à medida que este *não é problema* na análise "ideal". Vale dizer: pretendo fazer a psicanálise do enquadramento enquanto o mesmo se mantém, não quando se rompe; enquanto continua sendo um conjunto de constantes, e não quando se transforma em variáveis. O problema que quero examinar é o daquelas análises em que o enquadramento não é problema. E isto justamente para mostrar que é um problema. Esta tarefa vai consumir necessariamente boa parte do tempo de que disponho agora, já que não se pode analisar um problema que não se define ou não se conhece.

Uma relação que se prolonga durante anos, com a manutenção de um conjunto de normas ou atitudes, não é outra coisa senão a própria definição de uma *instituição*. O enquadramento é, portanto, uma instituição, dentro de cujos parâmetros ou no bojo da qual ocorrem fenômenos a que denominamos comportamentos.⁴

O que se tornou evidente para mim é que cada instituição é uma parte da personalidade do indivíduo. E, como tal, tem tamanha importância que a identidade é sempre — total ou parcialmente — grupal ou institucional, isto é: pelo menos uma parte da identidade é sempre configurada pela pertinência a um grupo, uma instituição, uma ideologia, um partido etc.

3> O problema tal como o coloco é similar ao que os físicos chamam de experiência ideal, isto é, um problema que não se dá total e precisamente na forma em que é definido ou colocado, mas que é de enorme utilidade (teórica e prática). É possível que seja a esta análise ou problema ideal que E. Rodriguê referiu-se uma vez como a história do paciente que ninguém escreveu e ninguém poderá escrever.

4> Justamente vi-me levado, em parte, a este estudo à base de uma série de seminários sobre psicologia institucional e à base de minha experiência nesse terreno (certamente restrita, por enquanto).

Fenichel escreveu: "Não há dúvida nenhuma de que as estruturas individuais criadas pelas instituições ajudam a conservar essas mesmas instituições". Mas além dessa interação indivíduos-instituições, as instituições funcionam sempre (em graus variáveis) como limites do esquema corporal e núcleo básico da identidade.

O enquadramento se mantém e tende a ser mantido (ativamente, por parte do psicanalista) como invariável; enquanto existe como tal, fica como que inexistente, ou não é levado em conta, do mesmo modo que as instituições ou relações que só se dão a perceber quando falham, se obstruem ou deixam de existir. (Não me lembro quem disse, sobre o amor e a criança, que só se sabe que existem quando choram.) Mas, qual é o significado do enquadramento quando ele se mantém (i. e., quando "não chora")? Está em questão, de algum modo, o problema da simbiose, que é "muda", e só se manifesta quando se rompe ou ameaça se romper. É o que acontece também com o esquema corporal, cujo estudo começou pela patologia, que foi a primeira a mostrar sua existência. Assim como se fala do "membro fantasma", deve-se reconhecer que as instituições e o enquadramento *sempre* se constituem num "mundo fantasma": o da organização mais primitiva e indiferenciada. O que sempre está só é perceptível quando falta; poderíamos aplicar ao enquadramento o termo que Wallon utilizou: "ultracoisas", para se referir a tudo aquilo que, na experiência, aparece como vago, indeterminado, sem conceitualização ou conhecimento. O que organiza o ego não são apenas as relações estáveis com os objetos e instituições, mas as frustrações e gratificações ulteriores com os mesmos. Não há percepção do que sem-

pre está. A percepção do objeto que falta e do que gratifica é posterior; o mais primitivo é a percepção de uma "incompleteza". O que existe para a *percepção do sujeito* é aquilo cuja experiência lhe mostrou que lhe pode faltar. Em contrapartida, as relações estáveis ou imobilizadas (as não-ausências) são as que organizam e mantêm o não-ego e formam a *base* para estruturar o ego em função das experiências frustrantes e gratificadoras. Que não se perceba o não-eu não implica sua não existência psicológica em termos da organização da personalidade. O conhecimento de algo só se dá na ausência desse algo, até que ele se organize como objeto interno. Mas o que não percebemos também existe. E este "mundo fantasma" existe depositado no enquadramento ainda que o mesmo tenha sido rompido, ou precisamente por isso.

Quero, no entanto, fazer outra breve digressão, que venha poder, segundo espero, dar mais elementos para o estudo a que me propus. Vínhamos até bem pouco tempo movendo-nos comodamente nos planos da ciência, da linguagem, da lógica etc., sem nos darmos conta de que todos esses fenômenos ou comportamentos (e todos me interessam como comportamentos) isto é, na qualidade de fenômenos, têm lugar num contexto de pressupostos que ignorávamos ou dávamos por inexistentes ou invariáveis; mas agora sabemos que a comunicação inclui uma metacomunicação, a ciência uma metaciência, a teoria uma metateoria, a linguagem uma metalinguagem, a lógica uma metalógica, etc., etc. Se a "meta" varia... varia também o conteúdo, de maneira radical.⁵ Assim o enquadramento, sendo constante, é decisivo para os fenôme-

nos do *processo* da conduta. Em outras palavras, o enquadramento é uma *meta-conduta* da qual dependem os fenômenos que vamos reconhecer como condutas. É o implícito do qual, no entanto, o explícito depende.

A *metaconduta* funciona como o que M e W. Baranger, chamam "o baluarte": aspecto que o analisando procura não colocar no jogo, eludindo a regra fundamental; mas na metaconduta que me interessa analisar *cumpre-se a regra fundamental*, e o que pretendo é justamente o exame dessa observância. Concordamos com os autores mencionados em assinalar a relação analítica como relação simbiótica; mas nos casos *em que se cumpre* com o enquadramento, o problema está em que o próprio enquadramento é o depositário da simbiose, e que esta *não está* fazendo parte do processo analítico em si mesmo. A simbiose com a mãe (a imobilização do não-ego) permite à criança o desenvolvimento do seu ego; o enquadramento tem a mesma função: serve de sustentação, de marco, mas só chegamos a vê-lo — por ora — quando muda ou se rompe. O "baluarte" mais persistente, tenaz e oculto é, assim, o que se deposita no enquadramento.

Desejo ilustrar agora esta descrição que fiz do enquadramento com o breve exemplo de um paciente com caráter fóbico (A.A.), com intensa dependência encoberta por uma independência reativa; durante muito tempo ele vacilava, desejava e temia comprar um apartamento, compra

que nunca se realizava. Em um dado momento fica sabendo acidentalmente que eu havia comprado há algum tempo um apartamento que estava ainda em construção, e a partir daí começou um período de ansiedade e diversas atuações.

A certa altura conta o que soubera e eu interpreto sua atitude: o modo como me contou incluía a censura por não ter, eu, lhe avisado sobre minha compra sabendo que este era um problema fundamental para ele. O paciente tentou ignorar ou esquecer o episódio, apresentando fortes resistências toda vez que eu (insistentemente, sem dúvida) relacionava este fato com suas atuações, até que começaram a aparecer fortes sentimentos de ódio, inveja, frustração, com violentos ataques verbais que foram seguidos por um clima de distanciamento e desesperança. Com o prosseguimento da análise dessas situações, começou gradualmente a aparecer o "fundo" de sua experiência infantil, que pude reconstruir através do relato de várias recordações: em sua casa os pais nunca realizaram nada, absolutamente nada, sem informá-lo e consultá-lo, conhecendo ele todos os detalhes do curso da vida familiar. Depois do surgimento e interpretação reiterada dessas recordações (venecendo fortes resistências), começou a acusação de que tudo se havia rompido entre nós, de que já não podia mais confiar em mim; apareceram fantasias de suicídio, desorientação e confusão frequentes e sintomas hipocondríacos.⁶

Para o paciente, rompeu-se "um algo" que

5> Esta variação da meta ... ou variação dos pressupostos fixos ou constantes é a origem da geometria não euclidiana e da álgebra booleana (Lieber, L.R.). Em psicoterapia, cada técnica tem seus pressupostos (seu enquadramento) e, portanto, também seus próprios "conteúdos" ou processos.

6> Como o disse Liberman a respeito da transferência delirante, apareceram associações referidas a seu corpo de experiências muito precoces: que se sentia imobilizado, e associou que quando criança era en-

era assim que devia ser, como sempre foi e não concebia que pudesse ser de outra maneira. Exigia a repetição do vivido, do que para ele foi "sempre assim", exigência ou condição que conseguiu manter durante sua vida por meio de uma restrição ou limitação de seu ego nas relações sociais, conservando sempre ele o manejo das relações e exigindo uma forte dependência de seus objetos.

Quero mostrar neste exemplo como a "não-repetição" por cumprimento do enquadramento, trouxe à luz uma parte muito importante de sua personalidade, seu "mundo fantasma", a transferência delirante (Little) ou a parte psicótica de sua personalidade; um não-ego que constitui o marco de seu ego e de sua identidade. Só com o "não-cumprimento" de seu "mundo fantasma" consegue ver que "meu" enquadramento não era o mesmo que o seu, que seu "mundo fantasma" já estava presente antes do "não cumprimento". Mas quero frisar que a manutenção do enquadramento foi o que permitiu a análise da parte psicótica da personalidade. O que tento colocar não é o quanto estes fenômenos aparecem pela frustração ou pelo choque com a realidade (o enquadramento e sim) — o que é ainda mais importante — o quanto eles não apareceram e nunca se tornaram possivelmente analisáveis. Não tenho res-

posta para este problema. O que me interessa agora é colocá-lo (discriminá-lo). É similar ao que ocorre com o traço de caráter que para ser analisado, deve ser transformado em sintomas, isto é, deixar de ser ego-sintônico. E o que fazemos na análise do caráter não deveria ser feito com o enquadramento? O problema é diferente e ainda mais difícil, já que o enquadramento não apenas não é ego-sintônico, sendo o marco sobre o qual está construído o ego e a identidade do sujeito, e se encontra fortemente clivado do processo analítico, do ego que configura a transferência neurótica. Ainda que se suponha, no caso de A.A., que este material surgiria de qualquer maneira, posto que já estava presente, o problema subsiste em termos do significado psicanalítico do enquadramento.

Sintetizando, poder-se-ia dizer que o enquadramento (assim definido como problema) constitui a mais perfeita compulsão à repetição⁷ e que, na realidade, há dois *enquadramentos*: um, o que o psicanalista propõe e mantém, conscientemente aceito pelo paciente, o outro é o do "mundo fantasma", aquele que o paciente projeta nele.⁸ E este último é uma compulsão à repetição ainda mais perfeita, já que é a mais completa, a menos conhecida e a mais inadvertida.⁹ Sempre me pareceu surpreendente e apaixonante, na

volvido por uma faixa que o mantinha completamente imóvel. O não-ego do enquadramento inclui o corpo, e se o enquadramento é rompido, os limites do ego formado pelo não-ego têm que ser recuperado a nível do corpo.

7> Esta compulsão à repetição não é só "uma forma de recordar" (Freud), mas uma maneira de viver ou a *condição para viver*.

8> Wender descreveu em seu trabalho que há dois pacientes e dois analistas, ao que acrescento agora que há também dois enquadramentos.

9> Rodrigué descreve uma "transferência suspensa" e a "dificuldade nasce de que se fala de um fenômeno que, se existisse em forma pura, teria que ser mudo por definição".

análise de psicóticos, o fato de coexistir uma negação total do analista com uma exagerada susceptibilidade à infração de qualquer detalhe do "costumeiro" (do enquadramento), e o modo como paciente pode se desorganizar ou se tornar violento por exemplo, por alguns minutos de diferença do início ao término da sessão. Agora compreendo melhor isto: desorganiza-se o "meta-ego" que, em grande medida, *é tudo o que tem*.¹⁰ Na transferência psicótica não se transfere afeto, mas "uma situação total, a totalidade de um desenvolvimento" (Lagache); melhor seria dizer a totalidade de um "não desenvolvimento". Para Melanie Klein, a transferência repete as relações primitivas de objeto, mas acredito que o mais primitivo ainda (a indiferenciação) se repete no enquadramento.¹¹

E. Jacques diz que as instituições são inconscientemente usadas como mecanismos de defesa contra as ansiedades psicóticas, mas creio que seria melhor dizer que são depositárias da parte psicótica da personalidade, isto é, da parte indiferenciada e não resolvida dos vínculos sim-

bióticos primitivos. As ansiedades psicóticas entram em jogo dentro das instituições e, no caso da situação psicanalítica, dentro do que caracterizamos como *processo* (o que "se move" em oposição ao que não: o enquadramento).¹²

O desenvolvimento do ego (na análise, na família, em qualquer instituição) depende da imobilização do não-ego. Esta denominação do "não-ego" nos induz a pensar nele como algo inexistente, mas que tem existência real, e tanto que é do "meta-ego" que depende a possibilidade de formação e manutenção do ego: sua própria existência. A partir disto poderíamos dizer que a identidade depende da forma em que é mantido ou manejado o não-ego. Se a metaconduta varia, modifica-se todo o ego (em graus possivelmente equivalentes entre sua quantidade e qualidade).¹³ O não-ego é a base ou marco do ego organizado; "fundo" e "figura" de uma só *Gestalt*. Entre ego e não-ego (ou entre parte neurótica e psicótica da personalidade) instala-se não uma dissociação, mas uma clivagem, tal como caracterizei este termo em trabalho anterior.

10> Creio ser apressado falar sempre de um "ataque" ao enquadramento quando este não é cumprido pelo paciente. O analisando traz "o que tem" e não se trata sempre de um ataque, mas de sua própria organização (mesmo que seja desorganizada).

11> A ambigüidade do "como se" da situação analítica, estudada por W. e M. Baranger, não cobre "todos os aspectos do campo analítico", como dizem estes autores, mas apenas o processo. O enquadramento não admite ambigüidade, nem por parte da técnica do psicanalista nem por parte do paciente. Cada enquadramento é e não admite ambigüidade. Igualmente, o fenômeno da participação (Lévy Brühl) ou do sincretismo, que atribuem à situação analítica, vigora apenas, na minha opinião, para o enquadramento.

12> Reider descreve diferentes tipos de transferência à instituição em vez de ao terapeuta; a psicanálise como instituição parece ser um meio de recuperar a onipotência perdida, participando do prestígio de uma grande instituição. Acredito que o importante aqui é considerar a situação psicanalítica como uma instituição em si mesma, especialmente o enquadramento.

13> G. Reinoso disse que embora – como Freud o assinalou – o ego seja corporal, *o não-ego também o é*. Poderíamos acrescentar aqui mais alguma coisa: que o não-ego é um ego diferente, de qualidades distintas. Isto implica também que não há *um* sentido de realidade e uma falta do mesmo; há distintas estruturas do ego e do sentido de realidade.

N.N. era uma paciente muito rígida e limitada que viveu sempre com os pais em hotéis de diferentes países; a única coisa que levava sempre consigo era um pequeno quadro. Sua má relação com os pais e as contínuas mudanças faziam deste quadro seu "ambiente", seu não-ego: sua metaconduta, o que lhe dava a "não mudança" para sua identidade.

O enquadramento "é" a parte mais primitiva da personalidade, é a fusão ego-corpo-mundo, de cuja *imobilização* depende a formação, existência e discriminação (do ego, do objeto, do esquema corporal, do corpo, da mente, etc.). Os pacientes com *acting in* ou os psicóticos trazem também "seu próprio enquadramento": a *instituição de sua relação simbiótica primitiva*, mas *todos* os pacientes também a trazem. Assim, podemos reconhecer melhor agora a situação catastrófica que *sempre*, em grau variável, acompanha a ruptura do enquadramento por parte do analista (férias, não cumprimento de horários etc.), porque nestas rupturas (rupturas que fazem parte do enquadramento) produz-se uma "fresta" pela qual se introduz a realidade, que se torna catastrófica para o paciente: "seu" enquadramento, seu "mundo fantasma" ficam sem depositário e coloca-se em evidência que "seu" enquadramento não é o enquadramento psicanalítico, como aconteceu com A.A. Mas agora quero dar um exemplo de uma "fresta" que o paciente tolerou até que se viu necessitado de recuperar sua onipotência, "seu" enquadramento.

A., filho único de uma família que em sua infância foi muito rica, socialmente muito proeminente e muito unida, viveu em uma enorme e luxuosa mansão com seus pais e avós, entre os quais era o centro de cuidados e mimos.

Por motivos políticos, muitos bens lhes foram expropriados, produzindo-se grande decadência econômica. Toda a família forçou-se durante algum tempo a viver as aparências de gente rica, dissimulando o desastre e a pobreza, mas os pais acabaram por se mudar para um apartamento pequeno e aceitar um emprego (os avós haviam morrido nesse ínterim). Quando a família enfrentou e aceitou a mudança, ele continuou vivendo "as aparências", afastou-se dos pais para viver de sua profissão de arquiteto, mas dissimulando sua grande insegurança e instabilidade econômica; tanto, que todos o supunham rico, e ele viveu e fomentou sua fantasia de que "nada havia acontecido", conservando, assim, o mundo seguro e idealizado de sua infância (seu "mundo fantasma"). Era também a impressão que me provocava no tratamento: de uma "pessoa bem", de classe social e econômica superior, que conservava, sem ostentação de "novo rico", um ar de segurança, dignidade e superioridade, de estar fora e por cima das "misérias" e "pequenezas" da vida, entre as quais se incluía o dinheiro. O enquadramento manteve-se bem, pagando também regular e pontualmente. Quando se analisou cada vez mais sua atitude e sua dualidade (a clivagem de sua personalidade, seu mover-se em dois mundos, mantendo uma ficção, começou a dever-me dinheiro e a ser impontual, assim como a falar (com grande dificuldade) de sua falta de dinheiro, a qual o fazia sentir-se muito "humilhado".

A ruptura do enquadramento significou aqui uma certa ruptura de sua organização onipotente: a aparição de uma "brecha" que se transformou na via para penetrar "contra" sua onipotência (o mun-

do estável e seguro de sua infância). Cumprir o enquadramento foi aqui a deposição de seu mundo onipotente mágico, de sua dependência infantil; de sua transferência psicótica: sua fantasia mais profunda era a de que a análise lhe consolidaria esta onipotência e lhe devolveria totalmente "seu" "mundo fantasma". A ruptura do enquadramento significou a ruptura de uma clivagem e a aparição de uma "brecha" de irrupção da realidade. "Viver" no passado não era sua fantasia inconsciente, era diretamente a organização básica de sua existência. Transcrevo partes de uma sessão de um momento em que, bruscamente, seus pais sofreram um acidente e se encontravam em estado muito grave; na sessão anterior me pagara parte de sua dívida e começa esta sessão dizendo-me que hoje me trouxe tantos pesos e que ainda faltam tantos, e que sente essa dívida "como uma brecha, como algo que falta". (Pausa.) Continua: "Ontem tive relações sexuais com minha mulher e no começo estava impotente, e isto me assustou muito" (foi impotente no começo do casamento). Interpreto que agora que está passando por uma situação difícil pelo acidente de seus pais, deseja voltar à segurança que tinha em sua infância, aos pais e avós dentro dele, e que a relação com sua mulher, comigo e com a realidade atual, o torna impotente para isto. Que precisa fechar a brecha pagando-me tudo, para que o dinheiro desapareça entre os dois, para que desapareça eu e tudo o que agora o faz sofrer. Responde que ontem pensou que, realmente, só precisa da sua mulher para não ficar sozinho, mas que era um mero agregado em sua vida.

Interpreto que também deseja que eu satisfaça suas necessidades da realidade, para que elas desapareçam e ele possa voltar, assim, à segurança de sua infância e à sua fantasia de reunião com seus avós, pai e mãe, tal como era tudo em sua infância.

(Silêncio.) Depois diz que quando sentiu a palavra fantasia pareceu-lhe estranho que eu falasse de fantasias e que teve medo de ficar louco.

Digo-lhe que precisa que eu lhe devolva toda a segurança da infância, que busca conservar dentro de si para enfrentar a situação difícil, e que, por outro lado, sente que *eu* e a realidade nos enfiemos por essa brecha que agora o dinheiro, sua dívida, deixa entre os dois.

Termina a sessão falando de um travesti; interpreto-lhe que se sente travesti: às vezes como filho único e rico, às vezes como o pai, às vezes como a mãe, às vezes como o avô, e em cada um deles como pobre e como rico.

Toda a variação do enquadramento põe em crise o não-ego, "desmente" a fusão, "problematiza" o ego e obriga à reintrojeção, reelaboração do ego ou à ativação das defesas para imobilizar ou reprojeter a parte psicótica da personalidade. Este paciente (A) pôde admitir a análise de "seu" enquadramento até que precisou recuperá-lo defensivamente, e o que interessa frisar é que seu "mundo fantasma" manifesta-se e é questionado com "faltas" ao enquadramento (sua dívida), e que a recuperação de seu "mundo fantasma" ligou-se ao "cumprimento" com "meu" enquadramento, justamente para me ignorar ou anular. O fenômeno da reativação sintomatológica descrita ao término de um tratamento psicanalítico se deve tam-

bém à mobilização e regressão do ego por mobilização do meta-ego. O fundo da *Gestalt* transforma-se em figura.¹⁴

Deste modo, o enquadramento pode ser considerado uma "adição" que se não é sistematicamente analisada, pode se transformar numa organização estabilizada, à base da organização da personalidade, e o sujeito obtém um ego "adaptado" em função de uma modelagem externa às instituições. Isto é a base, acredito, do que Alvarez de Toledo, Grinberg e M. Langer denominaram "caráter psicanalítico", do que os existencialistas chamam existência "fática", e que poderíamos reconhecer como um verdadeiro "ego fático". Este "ego fático" é um "ego de pertinência": constitui-se e se mantém pela inclusão do sujeito numa instituição (que pode ser a relação terapêutica, a Associação Psicanalítica, um grupo de estudos ou qualquer outra instituição): não há um "ego interiorizado" que dê estabilidade interna ao sujeito. Em outras palavras, podemos dizer que toda sua personalidade está constituída por "personagens", isto é, por papéis, ou — de outra maneira — que toda sua personalidade é uma fachada. Estou descrevendo agora o "caso limite", mas há que levar em conta a variação quantitativa, porque não há meio deste "ego fático" deixar de existir inteiramente (nem creio que seja necessário). O "pacto" ou a reação terapêutica negati-

va constituem a perfeita instalação do não-ego do paciente no enquadramento e seu não reconhecimento e aceitação por parte do psicanalista; mais ainda, poderíamos dizer que a reação terapêutica negativa é uma verdadeira perversão da relação transferência-contratransferência. Em contraste, a "aliança terapêutica" é a aliança com a parte mais sadia do paciente (Greenacre); e isto é certo para o processo, mas não para o enquadramento. Neste, a aliança é com a parte psicótica (ou simbiótica) da personalidade do paciente (com a parte correspondente do analista? Ainda não sei).¹⁵

Winnicott diz que "para o neurótico, o divã, o clima cálido, o conforto podem ser *simbolicamente* o amor da mãe; para o psicótico seria mais exato dizer que tais coisas são a expressão física do amor do analista. O divã é o regaço do analista ou o útero, e a calidez do analista é a calidez viva do corpo do analista". No que se refere ao enquadramento, este é sempre a parte mais regressiva, psicótica do paciente (para todo tipo de paciente).

O enquadramento é o que está mais presente, assim como os pais para a criança. Sem eles não há desenvolvimento do ego, mas sua manutenção para além do necessário, ou a falta de modificação da relação (no caso do enquadramento ou dos pais), pode significar um fator negativo de paralisação do desenvolvimento.¹⁶ Em

14> Deve ser este fato o que levou alguns autores (Christoffel) à ruptura do enquadramento como técnica (com o abandono do divã e entrevista face a face); critério do qual não compartilho.

15> Não acredito que esta transferência psicopática clivada, e que se deposita no enquadramento, seja consequência da repressão, da amnésia infantil.

16> E. Rodrigué, em *O contexto da transferência* compara o processo analítico à evolução.

Insistiu-se que o ego se organiza na criança segundo a mobilidade do ambiente que cria e satisfaz suas necessidades. O resto do ambiente que não promove necessidades, não se discrimina e permanece como tal (como fundo) na estrutura da responsabilidade, e ainda não se deu a isto todo o seu valor.

toda análise, mesmo com um enquadramento mantido em termos ideais, este deve se transformar de todas as maneiras em objeto de análise. Isto não significa que tal coisa não seja feita na prática, mas quero sublinhar a interpretação ou o significado do que se faz ou se deixa de fazer, e sua transcendência. A dessimbiotização da relação analista-paciente só é alcançada com a análise sistemática do enquadramento no momento preciso. E com isto nos confrontaremos com as resistências mais tenazes, porque não se trata de algo reprimido, mas clivado e nunca discriminado; sua análise abala o ego e a identidade mais madura atingida pelo paciente. Não se interpreta o reprimido; cria-se o processo secundário. Não se interpreta sobre lacunas mnêmicas, mas sobre o que nunca fez parte da memória. Não se trata tampouco de uma identificação projetiva; é a manifestação do sincretismo ou a "participação" do paciente. O enquadramento faz parte do esquema corporal do paciente; é o esquema corporal na medida em que o mesmo ainda não se estruturou e discriminou; quer dizer que é algo diverso do esquema corporal propriamente dito: é a indiferenciação corpo-espaco e corpo-ambiente. Por isto freqüentemente, a interpretação de gestos ou atitudes corporais se torna muito persecutória, porque não "movemos" o ego do paciente, mas seu "meta-ego". Quero tomar agora outro exemplo que tem também a particularidade de que justamente não posso descrever o que é "mudo" no enquadramento, mas o momento em que este se revela, quando deixou de ser mudo. Já o comparei com o esquema corporal, cujo estudo começou

precisamente pelo de suas perturbações. Mas, além disto, neste caso o próprio enquadramento do psicanalista estava viciado.

Em uma supervisão, um colega traz a análise de um paciente cuja neurose transfe-rencial interpreta há vários anos, embora se mantenha uma cronificação e uma ineficácia terapêutica que o levam a trazer o caso ao controle. O paciente "respeitava" o enquadramento e, nesse sentido, "não havia problemas": associava bem, não havia atuações e o analista interpretava bem (sobre a parte que trabalhava). Mas *paciente e terapeuta se tratavam por "você"*, porque assim o propusera o paciente no começo de sua análise (tendo sido aceito pelo terapeuta). A análise da contratransferência do terapeuta levou muitos meses até que se "animou" a retificar a forma de tratamento, interpretando para o paciente o que estava acontecendo e se escondendo aí. A anulação da antiga forma de tratamento por sua análise sistemática, deixou manifestos a relação narcísica, o controle onipotente e a anulação da pessoa e do papel do terapeuta, imobilizados por essa forma de tratamento.

Nessa forma de tratamento, o paciente impôs seu "próprio enquadramento" em superposição ao do analista, mas, a rigor, anulando este último. O colega viu-se confrontado com um trabalho que lhe custou um esforço muito grande na sessão com o paciente (e em sua contratransferência), o qual levou a uma intensa mudança do processo analítico e à ruptura do ego do paciente, que se mantinha em condições precárias e com um espectro de interesses muito limitado,

com inibições intensas e extensas. A mudança na forma de tratamento mediante a análise levou a ver que não se tratava de um caráter fóbico, mas de uma esquizofrenia simples com uma "fachada" caracterológica fóbico-obsessiva.

Não acredito que tivesse sido eficaz modificar a forma de tratamento desde o início já que o próprio candidato não estava em condições técnicas de manejar um paciente com uma forte organização narcísica.

Sei, isto sim, que o analista não tem que aceita o tratar o paciente por você, ainda que tenha que aceitar este tratamento por parte do paciente e analisá-lo no momento oportuno (que não posso situar retrospectivamente). O analista deve aceitar o enquadramento que o paciente traz (que é o "meta-ego" do mesmo), porque neste encontra-se resumida a simbiose primitiva não resolvida; mas temos que afirmar, ao mesmo tempo, que aceitar o meta-ego (o enquadramento) do paciente não significa abandonar o próprio e, em função disto, torna-se possível analisar o processo e o próprio enquadramento transformado em processo. Toda interpretação do enquadramento (não alterado) mobiliza a parte psicótica da personalidade; constitui o que chamei uma interpretação clivada. Mas a relação analista-paciente fora do enquadramento rigoroso (como neste exemplo), bem como as relações "extra-analíticas", possibilitam o acobertamento da transferência psicótica e permitem o "cultivo" do "caráter" psicanalítico.

Outra paciente (B.C.) manteve sempre o enquadramento, mas ao se ver num estado adiantado de gravidez deixou de me

cumprimentar ao entrar e sair (nunca apertou-me a mão, desde o começo do seu tratamento). Houve enorme resistência à inclusão do deixar de me cumprimentar na interpretação, mas com isto, viu-se a mobilização de sua relação simbiótica com a mãe, de características muito persecutórias, que fora, sua vez, atualizada com a gravidez.

O não me apertar a mão ao entrar e ao sair continua, e aí reside ainda grande parte de "seu enquadramento", diferente do meu. Acredito que a situação é ainda mais complexa; porque o não me apertar a mão não é *um detalhe* que falta para completar o enquadramento – é um índice de que ela tem *outro* enquadramento, outra *Gestalt* que não é minha (a do tratamento psicanalítico), na qual mantém clivada sua relação idealizada com a mãe.

Quanto mais lidemos com a parte psicótica da personalidade, mais devemos levar em conta que um detalhe não é um detalhe, mas índice de uma *Gestalt*, isto é, de toda uma organização ou estrutura particular.

Em síntese podemos dizer que o enquadramento do paciente é sua fusão mais primitiva com o corpo da mãe e que o enquadramento do psicanalista deve servir para restabelecer a simbiose original, mas justamente por modificá-la. Tanto a ruptura do enquadramento como sua manutenção ideal ou normal constituem problemas técnicos e teóricos, mas o que altera fundamentalmente toda possibilidade de um tratamento profundo é a ruptura que o psicanalista introduz ou admite no enquadramento. *O enquadramento só pode ser analisado dentro do enqua-*

dramamento, ou, em outros termos, a dependência e a organização psicológica mais primitiva do paciente só podem ser analisadas dentro do enquadramento do analista, que não deve ser nem ambíguo, nem cambiante, nem alterado.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, K. A particular form of neurotic resistance against the psycho-analytic method. In: *Selected Papers of Psycho-Analysis*. Londres: Hogarth Press, 1949.
- ÁLVAREZ DE TOLEDO, R.; GRINBERG, L. e LANGER, M. Terminación de análisis. Relato oficial ao 1º Congresso Psicoanalítico Panamericano, México, 1964.
- BARANGER, W. e M. La situación analítica como campo dinámico. Montevideú, *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, v. IV, n. 1, 1961-1962.
- _____. El insight en la situación analítica. Montevideú, *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, v. VI, n. 1, 1964.
- BLEGER, J. *Psicohigiene y psicología institucional*. Buenos Aires: Paidós, 1966.
- CRISTOFFEL, H. The problem of transference. *Revue Française de Psychanalyse*, v. XVI, 1952.
- FENICHEL, O. *Teoría psicoanalítica de las neurosis*. Buenos Aires: Paidós, 1966.
- FREUD, S. Remembering repenting and working-through. Londres: Hogarth Press.
- GARCÍA REINOSO, D. Cuerpo y mente. Buenos Aires, *Revista de Psicoanálisis*, v. XIII, n. 3, 1956.
- _____. Sobre el esquema corporal. Buenos Aires, *Revista de Psicoanálisis*, v. XIII, 1956.
- GREENACRE, Ph. Certain technical problems in the transference relationship. *Journ. Am. Psas. Ass.*, v. VII, 1959.
- JAQUES, E. *The changing culture of a factory*. Londres: Tavistock, 1951.
- _____. Los sistemas sociales como defensas a las ansiedades persecutorias y depresivas. In: KLEIN, M. *Nuevas direcciones en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- KLEIN, M. La técnica psicoanalítica del juego. In: *Nuevas direcciones en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- LAGACHE, D. El problema de la transferencia. Montevideú, *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, v. I, n. 2-3, 1956.
- LIBERMAN, D.; FERSCHTUT, G. e SOR, D. El contrato analítico. Buenos Aires, *Revista de psicoanálisis*, v. XVIII, 1961. (nº especial.)
- _____. *La comunicación en terapéutica psicoanalítica*. Buenos Aires: Eudeba, 1962.
- LIEBER, L. R. The great discovery of modern mathematics. *General Semantics Bulletin*, 26-27, 1960.
- LITTLE, M. On delusional transference. *Int. J. Psychoanal.*, v. XXXIX, 2-4, 1958.
- NUNBERG, H. Transference and reality. *Int. J. Psychoanal.*, v. XXXII, 1951.
- REIDER, N. A type of transference to institutions. *Bull. of Menninger Clinic.*, v. XVII, 1953.
- RODRIGUÉ, E. *El contexto de la transferencia*. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina, XII, 1965.
- WENDER, L. Reparación patológica y perversión. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina, 1965.
- WINNICOTT, D. W. (1945). Primitive emotional development. *Collected Papers*. Londres: Tavistock, 1958.
- _____. (1947). Hate in the countertransference. *Collected Papers*. Op. cit.
- _____. (1955). Clinical varieties of transference. *Collected Papers*. Op. cit.